

DESINTRODUÇÃO

Ia até a infância e voltava.⁵³
Manoel de Barros

O escopo desta dissertação, que versa sobre a educação pela infância em Manoel de Barros, foi aprofundar-se na questão da infância.

Primeiramente, recapitulamos aqueles que pensaram sobre ela e percebemos que, muitas vezes, *infância* era sinônimo de *ser criança*. Uns viam nela incompletude, potencialidades a serem desenvolvidas mais tarde, falta de experiência, fragilidade, singeleza, incapacidade. Outros percebiam a *infância* como ausência de fala, como consta na etimologia da palavra, que aponta para uma inaptidão, falta, fase de espera por um tempo no qual se poderá usar, com propriedade, a própria fala. Houve quem pensasse que infância é condição de ser humano, possibilidade, já que, para ser humano, é preciso estar na linguagem e ter passado pela infância.

Posteriormente, conhecemos um pouco da vida do poeta mato-grossense Manoel de Barros, sobre cuja obra pensamos nesta pesquisa, com o objetivo de compreender suas raízes, suas influências e, por que não, algo sobre sua vida, tão íntima da obra. Questionamos, inclusive, o fato de que o poeta prefere conceder entrevistas por escrito a fazê-las oralmente, talvez em uma tentativa de afastar-se de constrangimentos que podem ser gerados, intencionalmente ou não, por entrevistadores. Talvez, com o intuito de manusear suas respostas minuciosamente. Concluimos que é bastante difícil separar vida e obra desse poeta cuiabano por ele próprio contar-se pela poesia.

Mais adiante, percebemos que Manoel de Barros escreve com infância, a partir de e para ela, em uma poesia que pretende renovar seu leitor. Este, homem contemporâneo, que não se assombra mais com o que vê, não se encanta mais com o que está ao seu redor, está cansado – arrastado que foi pela corrente da mesmice. Esse leitor que é um “abridor de latas”, que funciona pelo automatismo, quase que sem pensar, comparado a um robô, esse leitor precisa vivenciar, experienciar a infância. Esta não é mais compreendida como etapa inicial da vida ape-

⁵³ BARROS, M. de. *Gramática expositiva do chão (Poesia quase toda)*, p.67.

nas; é condição da existência humana. O homem não nasceu sabendo falar, precisou aprender e aprendeu na infância, o que não quer dizer que já tenha aprendido absolutamente tudo. Precisa descobrir que não pode mais falar o que todos falam ou como todos falam. Precisa reaprender a errar a língua. Precisa aprender a falar outros falares. Precisa titubear, errar, gaguejar novamente. Necessita inserir-se no fluxo da linguagem, tal qual quando aprendia a falar as primeiras palavras. Infância é no hoje, na linguagem, é descontinuidade, é imprevisibilidade, o contrário da mesmice.

Estudamos ainda semelhanças e diferenças entre o poeta e Walter Benjamin, filósofo que muito refletiu sobre infância, brincadeiras, entre outros temas relevantes. Constatamos que ambos priorizam o olhar infantil; por isso, buscam insistentemente a percepção infantil do mundo. Ademais, procuram, no ontem, desejos que não se concretizaram e que explicam o hoje e fazem eco no amanhã. Concluimos ainda que um e outro acreditavam que a criança brinca, infantilmente, com coisas “imbrincáveis” a olhos filisteus e, mais, brincam em lugares como o quintal ou o canteiro de obra, rejeitando os sofisticados brinquedos produzidos pela indústria contemporânea que, na sua maioria, visa gerar consumismo desde cedo.

É possível compreender que Manoel de Barros estabelece uma relação estreita com seu leitor em um projeto educativo cujo foco é desenvolver também a sensibilidade poética por meio de um devir-criança. Como educadora, a infância que o poeta propicia conduz aquele que lê, com alguma sedução, para seu próprio acontecimento. Eis um caminho para compreendermos a sociedade hodierna, que exige tudo aquilo que o poeta rejeita: linguagem de prontidão; tecnologia avançada, até mesmo no brincar infantil; velocidade altíssima em tudo, porque há pressa em todas as atividades valorizadas hoje; informações a mil por hora, o que não permite a reflexão e contribui para uma grande confusão em nossa cabeça; desprezo aos que não conseguem acompanhar o fluxo das novidades, isto é, aos que não conseguem atualizar-se constantemente; etc. Como se pode concluir, o que Manoel de Barros procura fazer, por meio de uma educação pela infância, é resgatar a sensibilidade do leitor perante o mundo atual, fazendo-o, na verdade, estar e ser na linguagem e na infância.

Concluimos ainda que a educação proposta pelo poeta não é algo inteiramente novo. No século XVIII, na Alemanha, houve uma proposta de educação

estética, feita por Schiller, que acreditou ser possível educar esteticamente o homem moderno, tão distante do antigo, sobretudo do grego antigo. Tal educação visaria à liberdade. Isso tem, indubitavelmente, íntima relação com o que faz Manoel de Barros, que crê, pela infância, ser possível libertar, emancipar, o homem de hoje. O projeto educativo barrosiano, contudo, diferencia-se do de Schiller por propiciar a infância, por fazê-la educadora, não se restringindo meramente à estética. É pela arte poética que a infância ganha vida, acontece e faz-se ser sentida, podendo renovar o leitor.